

A fala como marca: escravos nos anúncios de Gilberto Freire

Tania Alkmim*

Resumo

A partir da leitura da obra **O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX**, na qual, seu autor, Gilberto Freire (1963), enfoca um conjunto de anúncios relativos à fuga de escravos, que, ao lado de informações descritivas (como, por exemplo, a etnia, a aparência, os defeitos físicos dos negros), apresentam características lingüísticas desses indivíduos perseguidos (como, por exemplo, “fala atrapalhada”, “bem falante”, “ele fala bem claro”), no presente trabalho, procura-se fazer uma reflexão sobre a linguagem dos escravos brasileiros, tendo, como foco, a aquisição da língua portuguesa.

Palavras-chave: Fala de escravo; Português de escravos; Língua e Gilberto Freire; História social do português; Língua de negros.

Em seu pioneiro e já clássico texto, aparecido sob a forma de conferência, em 1934, e publicado em 1963, **O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX**, Gilberto Freire (1963), a partir da análise de material coletado em jornais como o **Diário de Pernambuco** e o **Jornal do Comércio**,¹ apresenta um quadro significativo da sociedade brasileira da época.² A propósito dos anúncios, o referido autor observa que os escravos eram retratados com base em características relativas à origem étnica (“çaçange”, “congo”, “angola”, etc.), ao sexo, à idade, à forma do corpo (“altos”, “grossos”, “de corpo regular”, etc.), ao

* Universidade Estadual de Campinas.

¹ Siglas de jornais citados no presente trabalho: CS (Correio do Sul); DRJ (Diário do Rio de Janeiro); DP (Diário de Pernambuco); JC (Jornal do Comércio); P (O Povo).

² Freire (1963) utilizou, como fontes principais, os jornais **Diário de Pernambuco** e **Jornal do Comércio**, mas consultou também outros periódicos da Bahia, do Rio de Janeiro, do Maranhão e do Rio Grande do Sul, entre 1825 e 1888, tendo reunido cerca de 10 mil anúncios. Destes, apenas uma parte é comentada no corpo do trabalho.

temperamento (“tristes”, “alegres”, etc.), ao modo de andar (“apressado”, “banzeiro”, etc.), aos vícios (“de comer terra”, “de beber aguardente”, etc.), ao comportamento (“manso”, “violento”, etc.), ao porte de castigo recebido (“correntes”, “máscara de ferro”, etc.), aos trajes e adornos que costumavam usar, etc. Assim, Freire (1963, p. 103) comenta detalhes como:

Havia, entre os fujões, aleijados, anormais. Canhotos. Escravos com seis dedos em cada pé. Gagos. Zorolhos. Outros faltando dedos mindinhos nas mãos. Alguns de fala atravessada ou sem saber falar português: falando só nagô e “língua da Costa”. Ainda outros com o braço esquerdo mais comprido que o direito. Homens com fala de mulher. Mulheres com barba no queixo. Velhos puxando por uma perna. Negros banguelos, os dentes limados ou tirados, como marca de nação ou rito de iniciação na idade adulta.

No conjunto dos anúncios aqui apresentados, aparece um pequeno grupo de textos (31),³ em que são focalizadas características lingüísticas dos escravos fugidos. Uma delas, por exemplo, faz alusão ao escravo crioulo Laurentino, que, de cor preta, alto, corpo regular, padeiro, com falta de dentes na frente e sinais de bexiga, “falava muito gago e levava um ferro no pescoço já por fujão” (DP, 15/2/1839). Embora pouco numerosas, as marcas relativas à fala sugerem algumas reflexões de interesse.

A CARACTERIZAÇÃO DA FALA DE ESCRAVOS NOS ANÚNCIOS

De uma perspectiva geral, as características presentes nos anúncios podem ser dispostas em dois grandes grupos. No primeiro, podemos incluir as características que, destacando aspectos particulares da fonação e da articulação, funcionam como sinalizadoras dos atributos físicos e psicológicos – positivos ou negativos – do escravo procurado. Consideremos, a propósito, os seguintes anúncios, em que, por coincidência ou não, as marcas da fala evidenciam anomalias ou detalhes muito perceptíveis como gagueira, língua presa, fanha, etc.:⁴

- (1) João, nação Angola, vinte e tantos anos, cego do olho esquerdo e ao pé do mesmo e sobre a fronte tem bastante cicatrizes, “a parte esquerda da cara parece inchada por ser muito saída para fora, **quando fala puxa muito pelo peito**, fugido com camisa de estopa clara, colete de sarja preta já roto, chapéu de palha”. (DP, 23/3/1834)

³ Foi excluído um anúncio relativo a uma escrava crioula que falava espanhol (FREIRE, 1963, p. 125).

⁴ Como Freire (1963) não apresenta o texto integral dos anúncios, adotamos o procedimento de reproduzir o trecho de seu trabalho entres aspas e a parte referente ao anúncio entre apóstrofes. Destacamos, também, em negrito, as informações relativas à fala.

- (2) Eva, amatutada e de estatura ordinária, tinha “**a língua pegada**” e por isto não se expressava bem. (DP, 24/5/1835).
- (3) Francisca, de nação da Costa, **era gaga** e tinha “perna direita torta”. (DP, 15/2/1839)
- (4) Félix, cabra, 40 anos, carreiro, baixo, seco, cara descarnada, barba rara, tem ‘pernas um pouco arqueadas, uma cicatriz na garganta de um talho que deu em si, **é gago**, foi escravo de... (DP, 14/2/1831)
- (5) No dia 14 de junho de 1836, fugiu do Recife um preto por nome João, por alcunha Ladino e por nação Cabinda, 36 anos de idade, estatura regular, pouca barba, olhos grandes, a perna esquerda um tanto arqueada, “**andando e falando um tanto apressado, gaguejando**” tendo o costume tremer os beiços, canoeiro... (DP, 23/11/1836)
- (6) O escravo de nome André, nariz e boca à proporção, bastante barbado... **fala grossa...** pés compridos... dedos das mãos também compridos... não tem marcas de açoite pelo corpo, levou uma pistola e uma faca. Crioulo, era natural de Pajehu das Flores... (DP, 21/6/1870)
- (7) O negro de “**fala fina**” era Antônio, “de nação Congo, baixo, grosso e de pouca barba”. (DP, 1/8/1843)
- (8) ... “**fala alguma coisa fanhosa**” caracterizava o escravo Manoel, de 23 anos, “quase cabra”, estatura mediana... (DP, 1/8/1843)

Alguns anúncios deste primeiro grupo nos fornecem informações acerca da dimensão psicológica do escravo, a partir de características de sua fala:

- (9) João, de nação Quilhimane, alto e seco, cor muito retinta, e que era, entretanto, de “**falas mansas**”. (DP, 15/1/1844)
- (10) Manoel baixo e grosso de corpo, **fala descansada**, cor retinta... (DP, 9/3/1835)
- (11) alto, pernas finas, andando como quem não pudesse andar e **falando descansado, como quem quisesse chorar**, João, de nação Congo, tinha “os olhos vermelhos”. (P, 18/11/1843)
- (12) Rosa, negrinha de nação, de “andar ligeiro”, “**fala acelerada** e alegre, muito esperta”. (DP, 7/10/1836)
- (13) Já a mulatinha puxando a sarará, de nome Joana, de 14 anos prováveis, (...) seria, com suas pernas e mãos muito finas, uma verdadeira “flor de pecado”, cor alvacentas, cabelo carapinho e russo, corpo regular, com todos os dentes mas com “**vestígios antigos de chicote no corpo... a fala às vezes viciosa...** padecendo de boubas nas partes ocultas”. (DP, 4/1/1865)

Quanto ao segundo grupo, apresenta características que põem em evidência a questão do uso da língua portuguesa. Como veremos, alguns anúncios se preocupam em caracterizar os escravos como sujeitos capazes, ou incapazes, de interagir na sociedade em que estavam inseridos – ainda que no pólo dos mais socialmente despossuídos. É claro que esta capacidade de interagir é avaliada do ponto de vista dos interlocutores brancos, isto é, da sua língua e da sua cultura.

Consideremos, inicialmente, os anúncios que focalizam a capacidade limitada de expressão lingüística de alguns escravos:

- (14) Felipe fugiu em 1840 da casa dos seus senhores ainda tão menino e tão boçal – isto é, tão recente no Brasil –, **que pouco se entendia sua fala.** (DP, 10/2/1840)
- (15) Rosa, de nação Angola, moça, “com uma belide no olho esquerdo e uma cruz de cabuchinhos da testa até a ponta do nariz, alta, corpo cheio, **fala atravessada**”. (DP, 13/11/1935)
- (16) ... furtaram, uma tarde de fevereiro, um preto de nome Vicente, sinais de bexiga à roda do nariz, pisando “um pouco esbarrado e apagado, com os dedos grandes dos pés abertos para dentro, **quase nunca falando, a ponto de parecer mudo. Fala tão atrapalhada que sendo creoulo parece boçal**”, isto é africano. “Um pouco leso e maluco”. (DP, 18/4/1850)

Afinal, quem são esses incapazes? Os anúncios sugerem que a incapacidade de se expressar está crucialmente ligada à conjugação de dois fatores: origem africana e aculturação incompleta, como é o caso de Felipe (exemplo 14), e parece ser o caso de Rosa (exemplo 15). O caso de Vicente (exemplo 16) é extremamente esclarecedor em relação à questão da incapacidade: é que Vicente, sendo crioulo, portanto nascido e criado no Brasil, deveria falar e comportar-se adequadamente, e, não, como um boçal, isto é, como africano não aculturado, que “**quase nunca falando, a ponto de parecer mudo, com fala tão atrapalhada**”, era visto, em consequência, como “leso e maluco”. Contudo, esses mesmos anúncios nos informam que, seguramente, Felipe, Rosa e Vicente falavam alguma língua africana e haviam integrado uma comunidade distinta desta para onde foram trazidos à força.

As referências positivas a respeito da capacidade expressiva de escravos oferecem pistas que nos fazem avançar no sentido de vislumbrar a realidade lingüística de escravos no Brasil do século XIX. Observemos, inicialmente, um grupo de anúncios em que a avaliação positiva é posta de maneira bem genérica: o escravo fala bem.

- (17) ... de “**fala desembaraçada**” era o negro Norberto, de olhos grandes e de barba. (DP, 24/10/1843)
- (18) Abel (...), nação Mina, cara lanhada, muito retinto, pés grandes, tem as pernas meio tortas, **fala bem desembaraçado**. (CS, 1/1/1860)
- (19) No dia 2 do corrente fugiu (...) hum escravo de nação, **bem falante**, de nome João, estatura regular (...), terá de idade pouco mais ou menos de 26 anos. (DP, 13/7/1839)

Consideremos, agora, os seguintes anúncios:

- (20) ... fugiu (...) um negro por nome Francisco, por alcunha Canário, nação Caçange, pequena figura, cara redonda, um pouco picado de bexiga, pouca barba e olhos um tanto vermelhos, as mãos curtas, padeiro, no pé direito um pequeno grilhão, muito ladino – **retórico**, diz o anúncio. (DP, 25/1/1834)
- (21) ... muitos anúncios chamam a atenção do povo para os negros que se faziam passar por livres. Um dele, Fortunato, (...), bolieiro e sapateiro e diz o anunciante que “**bem falante, muito capadócio e político**”. (DRJ, 27/6/1838)
- (22) Anda fugido (...) o escravo Oriel (...) baixo, fula, rosto miúdo, com 40 anos, pouco mais ou menos, tem a perna esquerda mais curta do que a direita, **é muito contador de história e diz ser forro**. (JC, 13/4/1877)

Os anúncios acima sublinham a habilidade verbal de escravos, conforme nos mostram as expressões: **retórico, bem falante, muito capadócio e político, muito contador de história**. Contudo, vale observar, esta habilidade aparece claramente associada a um bem sucedido processo de aculturação, como nos casos do africano Francisco (exemplo 20) – “muito ladino” e “padeiro” – e de Fortunato (exemplo 21) – “bolieiro e sapateiro”. Talvez seja também o caso de Oriel (exemplo 23, abaixo), que aparece descrito como sendo “fula”, isto é, mestiço, portanto, crioulo, e, conseqüentemente aculturado. Tão bem sucedido pode ser o processo de aculturação que Fortunato e o africano Oriel se fazem passar por pessoas livres, a quem podem pretender igualar-se pela arte de bem falar.

Em outro grupo de anúncios, a questão da habilidade expressiva é particularizada: ressalta-se a condição de bom usuário da língua portuguesa por parte de alguns escravos africanos. Vejamos alguns deles:

- (23) ... “um tanto caturro” era o moleque Francisco, de nação Bié e de doze anos pouco mais ou menos que, entretanto, **já falava bem o português** e

tinha a cabeça e os olhos grandes, os pés pequenos, as pernas curtas...
(DP, 1/8/1843)

- (24) O anúncio diz ainda que Joaquim era: cor preta, cabelo meio fulo, cara larga, olhos meio grandes (...) nação Caçange, **fala bem claro por ter vindo moleque pequeno**, tem sinais de surra e quando anda manqueja alguma coisa. (DP, 31/3/1845)
- (25) ... “vestígios bem salientes de queimaduras nos peitos” apresentava o preto Antônio, de nação Angola, ‘grosso barrigudo’ que em 1858 fugiu... Era Antônio angolano de ‘pés grossos’ mas **falava tão bem o português que se confundia com os pretos crioulos**. (DP, 19/8/1858)

Duas considerações podem ser feitas com base nos anúncios acima arrolados:

- escravos crioulos, em geral, falavam bem o português (exemplo 25);
- escravos africanos que adquiriam a língua portuguesa na infância podiam tornar-se usuários competentes desta (exemplos 23 e 24).

Em outras palavras, a condição de crioulo e a aquisição do português, em idade jovem, pelo escravo africano podiam tornar-se equivalentes, no sentido de que o momento da iniciação lingüística era o mesmo tanto para os escravos nascidos, quanto para os não nascidos no Brasil. Pelo menos, é o que parecem sugerir os dizeres: “**fala bem claro por ter vindo moleque pequeno**”; “doze anos pouco mais ou menos que, entretanto, **já falava bem o português**”, referentes aos africanos Joaquim e Francisco.

A questão da relação entre domínio do português e escravo crioulo pode ser também observada em um outro grupo de anúncios, que identificam a fala de escravos crioulos com variedades regionais brasileiras:

- (26) Félix, cabra e acaboclado, baixo, grosso de corpo, **com o sotaque do sertão na fala por ser filho dos “recôncavos do Ceará”**, tinha “vergões no corpo” que dizem ser “de relho”. (DP, 11/6/1841)
- (27) ... “**de fala descansada – por ser criado no sertão**” – adverte o anúncio, precisando a cousa antes cultural ou social que constitucional de semelhante fala – tinha o moleque crioulo Roberto, baixo e de pés e mãos grossos. (DP, 21/12/1843).
- (28) “Nariz grosso e achatado” caracterizava o rosto do crioulo chamado Cosme que fugiu... “prêto bem prêto” era “muito ladino”, estivera na Bahia três anos “servindo a um estudante”. Daí, talvez, **sua fala um pouco arrastada** e seu andar quase sempre vagaroso. (DP, 28/1/1858)
- (29) O negro de nome Ignácio, fugido de um engenho de Serinhaém, em Pernambuco, cor fula, altura e corpo regulares, olhos pequenos, nariz

chato, boca grande e o beijo superior um pouco fino, “a fala como a dos naturais da freguesia de Bezerras”... (CP, 17/4/1870)

Um último anúncio – único do tipo encontrado em Freire (1963) – merece, também, ser comentado:

- (30) Tal o caso do escravo Nereu que em 1859 fugiu da casa dos seus senhores, na capital de Pernambuco; e que sapateiro, moço (vinte anos), seco de corpo, cara oval e pouco descarnada, com todos dentes da frente limados, ostentava no braço esquerdo “sinais escritos”; e **ele próprio sabia ler “sofrivelmente” e escrever, embora “muito errado”**. (DP, 24/10/1859)

O fato de um escravo ter algum domínio da leitura e da escrita não era um fato trivial. Sabemos que o índice de analfabetismo era, entre a população livre, bem alto no Brasil do século XIX, e quase absoluto entre os escravos.⁵ Ainda assim, os dados dos anúncios não deixam de ser interessantes: um escravo doméstico, habitante de zona urbana, com uma profissão (sapateiro) que permitia contatos com a população em geral, capaz de ler e escrever, ainda que precariamente. Embora pareça ser bem particular, a situação do escravo Nereu o aproxima da maioria dos indivíduos livres, de origem social baixa, da sociedade brasileira da época: o domínio de uma variedade não padrão do português brasileiro, tanto no plano da fala quanto no da escrita.⁶

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se pode notar, as referências dos anúncios à fala dos escravos, aqui distribuídos em dois grandes grupos, efetivamente, se prestam a considerações de ordens distintas. Vemos, por exemplo, que as características constantes do primeiro grupo concorrem para compor a figura do escravo procurado, na medida em que destacam aspectos da fala que particularizam os indivíduos: gagos, de

⁵ Freire (1963) refere-se à existência de escravos alfabetizados no Brasil.

⁶ Não é possível saber a que correspondem, concretamente, as marcas corporais referidas, no anúncio, como “sinais escritos”. Freire (1963) apresenta, também, dois outros anúncios com informações semelhantes: “Luís (...) preto de nação Baça, idade de 20 anos, pouco mais ou menos, tinha “uma marca no braço direito” que parecia “um B com uma letra miúda dentro” e “no peito” (...) “umas letras”. (DP, 4/4/1839); ... o escravo Francisco, de 23 anos, pouco mais ou menos, grosso de corpo e de dentes perfeitos, (...) tinha no braço direito um “sinal Salomão”, abaixo do qual ostentava “um coração feito com tinta azul”, em cujo centro se viam as iniciais MNIIMN” (DP, 1/6/1865).

fala fina, acelerada, fanha, etc. Na prática, tal tipo de alusão a essa modalidade de fala se mostra equivalente àquelas indicações a propósito da origem étnica, do aspecto físico, das marcas de castigo e de doenças, por exemplo. Além disso, tais referências à fala são passíveis de ser encontradas em qualquer indivíduo – livre ou escravo, branco ou não.

Quanto às características do segundo grupo, uma observação inicial se faz relevante: dizem respeito exclusivamente ao indivíduo escravo. Em outras palavras, avaliam, positiva ou negativamente, a prática lingüística de escravos, no contexto da comunidade de fala brasileira, de organização social escravocrata. É assim que os anúncios focalizam a questão do uso da língua portuguesa e apontam:

- escravos africanos e crioulos que falam mal;
- escravos africanos que falam bem como escravos crioulos;
- escravos crioulos que falam bem a ponto de se fazerem passar por indivíduos livres.

De maneira indireta, mas recorrente, as características deste segundo grupo mostram que a experiência lingüística dos escravos é decisivamente relacionada ao processo de aculturação, isto é, à submissão do escravo aos padrões culturais que lhe eram impostos, dos quais o domínio da língua aparece como a marca mais evidente. Neste sentido, vemos que:

- a identidade africana é inseparável dos estatutos de boçal ou ladino e, em consequência, da qualidade de bom ou mau usuário da língua portuguesa;
- a condição de crioulo tem, como corolário natural, o domínio da língua portuguesa.

A aculturação é, pois, de tal forma determinante, que o africano, submetido ao processo desde jovem, não se distingue do escravo crioulo.

Naturalmente, a história lingüística dos escravos brasileiros requer ainda uma investigação sistemática e cuidadosa. As fontes de pesquisa, dispersas e diferenciadas, impõem um ritmo lento ao trabalho. É fato que as muitas línguas africanas trazidas ao Brasil pelo tráfico de homens transformados em escravos perderam seu estatuto de línguas maternas, mas deixaram marcas na história da língua e da cultura da nossa sociedade. Pretendemos, aqui, observar um pouco do percurso lingüístico dos escravos na comunidade de fala brasileira.

Résumé

À partir de la lecture de **O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX**, de Gilberto Freire (1963), où l'auteur sélectionne un ensemble d'annonces relatifs à des fuites d'esclaves, qui, outre des renseignements descriptifs (comme, par exemple, l'ethnie, l'apparence, les mal-formations), présentent des caractéristiques linguistiques des individus persécutés (comme, par exemple, "il baragouine", "il parle très bien"), que je cherche à discuter dans ce travail. Les données rassemblées constituent la base d'une réflexion sur la réalité linguistique des esclaves brésiliens, particulièrement, en ce qui concerne la question de l'acquisition de la langue portugaise.

Mots-clés: Langage d'esclave; Portugais d'esclaves; langue et Gilberto Freire; Histoire sociale du portugais; Langue de nègres.

Referências

- ALKMIM, Tania Maria. A variedade lingüística de negros e escravos: um tópico na história do português no Brasil. In: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (Org.). **Para a história do português brasileiro**. São Paulo: Humanitas, 2001. v. II, t. II, p. 317-335. (Primeiros Estudos)
- ALKMIM, Tania Maria. Estereótipos lingüísticos: negros em charges do século XIX. In: ALKMIM, Tania Maria (Org.). **Para a história do português brasileiro**. São Paulo: Humanitas, 2002. v. III, p. 383-402. (Novos Estudos)
- FREIRE, Gilberto. **O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX**. Recife: Imprensa Universitária, 1963.